

ITAJAÍ: O INÍCIO DO SÉCULO NA CIDADE DA MAREJADA.

José Roberto Severino¹

Resumo: *Este artigo procura mapear alguns elementos culturais em Itajaí no início do século. Através dos jornais que existiam na cidade, percebe-se as práticas de sociabilidade que eram cultivadas, bem como as disputas para a participação na esfera pública. Tanto imigrantes quanto luso-brasileiros formavam uma elite local bastante articulada e forte. Estes dados contrapõem-se a idéia de herança cultural exclusivamente açoriana propagada pela Festa da Marejada.*

Palavras-chave: *Identidade – Elite – Imigrantes - Cultura.*

Abstract: *This article attempts to map some cultural elements in the city of Itajaí at the beginning of this century. Through the newspapers published in the city at that time, it would be possible to understand the sociability practices which were employed, as well as the struggle for participation in the public field. Both, immigrants and Portuguese-Brazilians, shaped a local elite strongly articulated. These data are opposed to the idea of an exclusively Azorean cultural heritage, as proclaimed by the Marejada Festival.*

Keywords: *Identity – Elite – Immigrants – Culture.*

Em 1990, foi feita a transferência de um acervo documental da Biblioteca Central da Universidade do Vale do Itajaí - UNIVALI, para o Arquivo Histórico Municipal de Itajaí. Então como estagiário do Curso de História, participei nas atividades de tomar todo o acervo transferido, manuseando e lendo parte do material.

As diversas cartas, os textos, vários recortes de jornal, e outros fragmentos/documentos que apareciam, davam-me conta de uma cidade da qual eu quase não tinha ouvido falar. A cidade foi tornando-se um texto relativamente inédito e inusitado para mim.

¹ Graduado em História pela Universidade do Vale do Itajaí - UNIVALI. Mestrando em História pela Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, sob orientação da Prof^a. Dr.^a. Maria Bernardete Ramos Flores. Professor do Departamento de História da UNIVALI.

Cartas e bilhetes escritos em alemão, correspondências para a capital, para o Rio de Janeiro, para o interior do Estado, na medida em que as folheava, remetiam-me à Alemanha, à Europa, aos empreendimentos cheios de sonhos, de mágoas, de articulações e conchavos. Notas de Hotéis, tickets de viagem, e todo um conjunto de papéis que falava um idioma pelo qual eu não tinha a menor afinidade. O que deixava-me intrigado era o fato daquela massa documental estar em Itajaí², referindo-se a Itajaí. A mesma cidade que estava sendo vendida atualmente como açoriana. E mergulhei nas pesquisas em busca de algumas respostas.

Boa parte dos documentos levantados naquele momento pertenceram à Marcos Konder, e formam o fundo Marcos Konder³. É no mesmo arquivo que encontra-se uma série de outros documentos que remetem ao mesmo fato: existiram alemães, italianos, e tantos outros imigrantes, que participaram da esfera pública⁴ da cidade e constituíram uma esfera privada bastante organizada e forte. O uso da esfera pública por essa elite – em parte emergente – propõe a coexistência de várias identidades étnicas, propriamente falando. Partindo disso, acredito que na disputa pela promoção de classe, possam ter surgido disputas de nível étnico, com a possibilidade de participação efetiva através de outras identidades nas esferas pública e privada, e não só a luso-brasileira, ou açoriana, como propõe a Marejada.

Para tanto, vou seguir as pistas que demonstram a participação desses imigrantes do início do século XX na vida da cidade, e que podem ser observadas, pelo menos em parte, através dos jornais. Eles são veículos que possibilitam perceber a existência, naquele momento, de uma

² Vale lembrar que a cidade é tratada como de origem açoriana, principalmente pelos organizadores da Marejada. Cf. CABRAL, Oswaldo Rodrigues. *História de Santa Catarina*, 2ª ed. Florianópolis: Ed. Laudes, 1970. Pp. 61-64. Segundo o autor, quase 5.000 açorianos foram trazidos para o Estado de Santa Catarina, sendo distribuídos ao longo do litoral, desde o rio de São Francisco do Sul até o cêrro de São Miguel, e sertão correspondente.

³ Arquivo Histórico de Itajaí. Fundação Genésio Miranda Lins.

⁴ O termo é usado aqui na mesma perspectiva de HABERMAS, Jürgen. *Mudança estrutural na esfera pública: investigações quanto a uma categoria da sociedade burguesa*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984.

conformação cultural mais heterogênea, etnicamente⁵ falando. Há uma certa visibilidade promovida pelos anúncios, afirmada publicamente. A insistência e periodicidade dos anunciantes, na medida em que lhes promove visibilidade e os afirma publicamente, leva a crer na existência de um público a ser atingido, que leria tais anúncios ou com eles travaria conhecimento. O interessante é que muitos desses anúncios eram redigidos em língua alemã, sendo que a maioria dos anunciantes eram imigrantes⁶.

Além de querer vender e comprar, que outro tipo de mensagem esses anúncios transmitiam? Do que esses anúncios falavam? Eles agradeciam, avisavam, exibiam distinção, marcavam territórios que existiam efetivamente na esfera pública⁷, como é o caso de um comunicado do *Centro Aformoseador do Itajaí*⁸, que mostra a participação de vários imigrantes, na tarefa de *trabalhar pelo embelezamento d'esta cidade*. Preocupação aliás, bastante presente nos editoriais da época, onde a higienização e a disciplinarização dos espaços, tanto públicos como privados, encontravam uma boa ressonância nos meios mais “abastados”. Uma preocupação que Micael M. Herschmann percebeu na *política de intervenção nacional*, proposta por cientistas-intelectuais brasileiros do início do século, e que buscavam *sanear, higienizar e educar*, para *viabilizar uma civilização dos Trópicos*.⁹

⁵ BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *Identidade e etnia: construção da pessoa resistência cultural*, São Paulo: Ed. Brasiliense, 1986. pp. 9-10. No caso aqui exposto, a idéia de grupo étnico associado à de etnia, remete a uma das combinações possíveis, segundo o autor, de aplicação do conceito etnia, ou seja, *quando combina a identidade minoritária com a cultura complexa, também no interior de um tipo de sociedade como a nossa, como seria o caso de poloneses, japoneses ou italianos dentro da sociedade brasileira*, com base em *Cardoso de Oliveira, 1976: 102-105.*

⁶ Observei que tanto em *O Progresso*, quanto no *Novidades*, em todos os números de 1899 e 1904, respectivamente, a maioria dos anunciantes é constituída de imigrantes e seus descendentes.

⁷ Nos jornais *O Progresso*, *Novidades* e *Pharol* são encontradas as listas das diretorias dos diversos clubes de serviço, sociedades, etc, por ocasião das eleições das respectivas diretorias dessas entidades.

⁸ Criado em 20 de fevereiro de 1903, conforme consta de seus Estatutos. Acervos do Arquivo Histórico de Itajaí.

⁹ HERSCHMANN, Micael M.. A arte do operatário. Medicina, naturalismo e positivismo: 1900-1937 In. HERSCHMANN, Micael M. & PEREIRA, Carlos Alberto Messeder. *A invenção do Brasil moderno: medicina, educação e engenharia nos anos 20-30*, Rio de Janeiro: Rocco, 1994. pp.43-65.

Esta noção de civilização poderia ajudar a definir os limites entre as classes na cidade. Como bem lembrou Norbert Elias, pode ser que conceitos novos gerem comportamentos novos¹⁰. Um dos espaços de divulgação dessas idéias era o jornal, que era lido evidentemente, mas não exclusivamente, pelos pares ou concorrentes da mesma classe. E um dos mais importantes espaços dentro dos jornais é o editorial, para se perceber o posicionamento das elites, uma das formas como se dá a demarcação de territórios. Muitas disputas aparecem explicitadas nos jornais, como no caso da campanha presidencialista de 1910. No jornal *O Pharol*¹¹, num mesmo dia sai a nominata dos membros da Junta Civilista e a lista de *apoio civilista* a Ruy Barbosa; publicou também a lista da *Comissão Executiva do Partido Republicano*, partidários de Hermes da Fonseca e Wenceslau Braz.

Além de Marcos Konder, a Junta Civilista contava ainda com Geraldo Pereira Gonçalves e Bruno Malburg. O Partido Republicano contava com a presença de Pedro Ferreira e Silva, Samuel Heusi, João Pinto D' Amaral, Ludovico José Gomes e João Gaya. Em ambas encontram-se sobrenomes diversos etnicamente. Vale lembrar que somente a lista da junta civilista é que foi publicada na íntegra. Através da divulgação dos sobrenomes, pode-se perceber a simbiose que existia e que era promovida em tais práticas. Nesta lista, os sobrenomes sugerem uma possível simbiose étnica.

E não é apenas nas disputas partidárias, mas também (e principalmente) em atividades ligadas a filantropia e aos princípios de civilidade na esfera pública da cidade de Itajaí, que as elites buscam marcar posições. Essas atividades constituem-se em promotores de distinções nas esferas privadas locais, onde tanto indivíduos de origem alemã quanto brasileiros disputavam espaços de atuação. Os nomes se repetem nos partidos, clubes, casamentos e anúncios¹², num revezamento de cargos e funções sempre entre os pares da *distincta gente*. A forma como é

¹⁰ ELIAS, Norbert. *O processo civilizador: uma história dos costumes*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1994. P. 68.

¹¹ *O Pharol*. Itajaí, 25/02/1910.

¹² Para ver uma análise mais precisa sobre este assunto ver FÁVERI, Marlene de. *Moços e moças para um bom partido: a construção das elites- Itajaí, 1929-1960*. Florianópolis: UFSC, 1996. Dissertação de Mestrado.

dada publicidade a essa gama de atividades sugere a tentativa de formar uma *opinião pública*¹³, que evidentemente seria utilizada quando fosse necessário.

Um indício de que havia uma participação ativa, por parte de alguns imigrantes de língua alemã e seus descendentes - e que adquire um caráter étnico pela tentativa de manutenção de uma das línguas que era falada na cidade - é a divulgação que se faz de uma escola exclusivamente alemã: a Sociedade Escolar Alemã¹⁴. Fundada em 1876, sugere que existia uma determinada parcela da população local interessada na preservação da língua e dos costumes germânicos na cidade “portuguesa”. Esta preocupação com a conservação da língua, observa Giralda Seyferth¹⁵, está vinculada a uma preocupação com a manutenção do *Deutschum*, ou seja, uma preocupação com a raça e com a pureza racial. Uma bela idealização de si próprio, pertencendo a um povo que se perpetua pela língua e se pauta em condutas sóbrias: os auto-denominados teuto-brasileiros¹⁶. Esses são alguns dos elementos que demons-

¹³ Opinião Pública aqui no sentido dado por HABERMAS, Jürgen. Op.Cit. Segundo o autor, para se trabalhar este conceito é necessário escapar das posições do liberalismo que conduzem a qualidades hierárquicas de representação; e das posições que submetam-na a critérios institucionais (como as eleições). pp. 276-277. O autor sugere uma abordagem crítica do conceito, colocando-o como um *modo refabricado* e utilizado por determinados grupos, e não num sentido da opinião de todos, que é considerada por ele uma ficção do Direito Público, sobre isso cf. o capítulo Para o Conceito de Opinião Pública, p. 286.

¹⁴ *Novidades*. Itajaí, 05/07/1904.

¹⁵ SEYFERTH, Giralda. *Nacionalismo e identidade étnica: a ideologia germanista e o grupo étnico teuto-brasileiro numa comunidade do Vale do Itajaí*. Florianópolis: Fundação Catarinense de Cultura, 1982. p.115.

¹⁶ Segundo OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. *Identidade, etnia e estrutura social*. São Paulo: Livraria Pioneira Ed., 1976. P. 82, aquela expressão é utilizada por Emílio Willens no sentido de *grupo biológico e culturalmente homogêneo*, sendo por isso considerada pelo autor como uma definição de etnia com caráter de exceção. O autor lembra ainda que o termo etnia não foi suficientemente categorizado, devendo ser tratado sempre associado a etnicidade e grupo étnico. Considerando os riscos que a expressão teuto-brasileiro pode ensejar, a mesma não será utilizada neste trabalho, já que o seu uso implica ainda em outros problemas: a unificação tardia da Alemanha (1871), que manteve até aquela data, vários dialetos, percepções da realidade, e identidades distintas dentro do que viria a ser o país. Antes daquela data, muitos imigrantes de língua alemã estabeleceram-se no Brasil (país jovem, sem uma “identidade nacional” definida). Isso tudo possibilitou, mais tarde, a intelectuais e a imprensa de língua alemã definirem-se como teuto-brasileiros, referindo-se a todos os descendentes de alemães no Brasil. Giralda Seyferth, em vários de seus trabalhos, trata a categoria como ideologia própria daquele grupo étnico, como elemento de auto-identificação.

tram a existência de outra (ou outras) identidades circulando entre alguns dos habitantes de Itajaí. Em uma crônica de Rachel Liberato Meyer, aparecem claramente essas outras preocupações, que sugerem haver entre parte das elites algumas concepções desse gênero,

Não tenho certeza se foi em 1904 que se inaugurou, em Itajaí, a escola alemã¹⁷. Foi no tempo do Kaiser. O governo alemão resolveu enviar professores para suas escolas, aqui no Estado, e o empreendimento foi bem recebido porque muitas famílias desejavam que seus filhos aprendessem a língua alemã. (...) Chegou o dia da inauguração (...) e a escola estava cheia de gente (,) e os visitantes conversavam, elogiando a iniciativa. (...) As aulas começaram. E naquele pedacinho da Alemanha, o grande Tibúrcio Freitas (...) dava, todos os dias, uma breve aula de português (...) Havia também na escola outro professor, chamado Hans (...) além de Mestre Kick¹⁸.

Boa parte desses imigrantes *bem posicionados* vivia na região central da cidade, devido principalmente as atividades que desenvolviam (via de regra relacionados a serviços e comércio em geral). Evidentemente, devido a esse aspecto, além da concentração em uma pequena área formada pelas ruas centrais e propícias ao comércio, o centro de Itajaí concentrava maior número de imigrantes, poderia dar uma configuração cultural diferente daquelas desenvolvidas em outras de suas regiões. Mas creio também que essa identidade entre os imigrantes alemães no início do século na cidade (se é que se construiu uma) era pautada muito mais em interesses econômicos do que étnicos.

Através dos jornais da cidade dá-se visibilidade ainda àqueles que anunciavam cervejarias com técnicas alemãs instaladas em Itajaí, como a *Fábrica de Cerveja e Gazoza Bauer e Filho*, a *Fábrica de Cerveja Victória*, de *Fernando Treder* e a *Otto Hosang Cervejaria*¹⁹, dando

¹⁷ Trata-se, neste caso, da segunda sociedade escolar do gênero na cidade.

¹⁸ MEYER, Rachel Liberato. Mestre Kick In: *Uma menina de Itajaí*, s/origem, s/ editora, 1961. pp. 55-56. O Mestre Kick a que a autora se refere, é o professor Emmanoel Kick.

¹⁹ *O Progresso*. Itajaí, 22/04/1899.

uma noção dos hábitos consumidores que deveriam existir em Itajaí. E bares não faltavam: eram cinquenta só na *cidade*²⁰. Apesar de tantos bares servirem bebidas *espirituosas, fermentadas e gazozas*, existiram bares que se tornaram mais importantes para/por serem frequentados pelos mais distintos.

Os bares da cidade parecem ter tido certa importância nos hábitos locais. Talvez o local do *habitual passeio* de todos os dias de folga, ou da volta do trabalho, ou ainda de todo o dia. São bares como o *do Kormann*, que atraía o “Seu Guilherme” todos os sábados para fartarse de *boa cerveja, “bem pesada”*²¹, ou como o do Hotel Brasil. Ambos são espaços de sociabilidades divididos entre parte da população, que atualiza informações e solidariedades em tais práticas culturais diversas daquelas que são “resgatadas” pela Marejada. Circulam culturas as mais diversas nesses bares dirigidos por imigrantes, que atendem consumidores interessados em bebidas (como no caso da cerveja *bem pesada*) e pratos germânicos, italianos, etc. Isto pode ser percebido nas memórias de Rachel Liberato Meyer, que narra um dos episódios que a puseram em contato com um desses bares, ... *mamãe mandou-me ao Hotel Brasil (...) chamar o papai. Encontrei-o no salão, tomando um copo de cerveja e conversando, como fazia muitas vezes. Estava sentado e em redor os amigos diletos: Dorval Campos, Guedes da Fonsêca e o velho Antônio Schneider (...)*²²

Voltemos aos jornais e aos outros espaços de sociabilidades que aparecem em anúncios como os de padarias, entre as quais estão a do Sr. G. Willert e a Padaria J. Dittrich²³, que faziam questão de listar os quitutes e iguarias da culinária germânica postos à disposição dos seus consumidores. Provavelmente atendiam ao público em geral, mas as pessoas que se dirigiam para as colônias alemãs, e que ficavam aguardando embarque não eram esquecidas, ainda mais tratando-se de clientes garantidos.

²⁰ *O Pharol*. Itajaí, 09/12/1910. Edital de cobrança de impostos para o município sobre as casas comerciais que vendem *bebidas espirituosas, fermentadas e gazozas*.

²¹ MEYER, Rachel Liberato. Op. Cit. p. 72

²² *Ibidem*. p.35.

²³ *O Progresso*. Itajaí, 01/04.1899.

Na Barra do Rio havia uma padaria, pertencente ao Sr. Wilhelm Willert. No tempo da grande corrente imigratória, para as colônias do Vale, este ativo padeiro fornecia pão fresco para os imigrantes alojados no barracão de recepção e hospedagem, construído pelo grande Dr. Blumenau²⁴.

De fato, dos vários colonos que ficaram na vila de Itajaí, e estabeleceram-se exercendo tais atividades, uma pequena parcela era formada de *empreendedores*, muitos deles anunciantes que procuravam dar destaque aos seus negócios e ações públicas. Foi marcando posições e dividindo esses espaços com uma pequena e forte elite que já existia na cidade, que foi ocorrendo uma nova configuração da elite local. Exemplo disso, foi quando Nicolau Malburg²⁵, ao lado de nomes como o de José Henriques Flores²⁶, entre outros, solicitaram ao Presidente da Província, em 1855, a elevação de Itajaí a categoria de município, o que ocorreu em 1859.

Entretanto, o que houve em Itajaí que determinou o “desaparecimento” desses imigrantes? Parece que isto ocorreu em várias instâncias, levando-os a deixar de existir enquanto grupo étnico específico nos discursos sobre a cidade. Restam apenas evidências, que ficaram encobertas pela névoa de um passado não muito distante. Entretanto, se não podemos encontrar marcas daquelas práticas de germanidade, sobram-nos as bibliotecas particulares, com as sutilezas dos bilhetes perdidos em meio aos livros, ou a arquitetura do velho casario. Muitas dessas evidências nos possibilitam localizar alguns hábitos e costumes que a história

²⁴ KONDER, Gustavo. Influência alemã no município de Itajaí In: *Blumenau em cadernos*. Tomo XI, maio de 1979, n. 5. p. 86.

²⁵ D'ÁVILA, Edison. *Pequena História de Itajaí*. Itajaí: Prefeitura Municipal de Itajaí, 1982. p.34. *Mestre-escola na Alemanha, em 1858 fixou residência em Itajaí. Dedicou-se logo ao comércio tendo fundado em 1860 a Cia. Comércio e Indústria Malburg S/A (...). Ocupou diversos cargos públicos, tendo sido vereador e presidente da Câmara Municipal em diversas ocasiões*. P. 95

²⁶ Id. *Ibd.*, p. 94. *Nasceu em São Paulo, em 1835, e faleceu em Itajaí em 1887. Tenente-Coronel da Guarda Nacional, como Presidente da Câmara de Vereadores de Itajaí, governou o município desde a sua emancipação até 1877 com breves interregnos. Segundo o autor, a ele se deve a criação da Comarca em 1868 e a elevação da Vila à categoria de cidade a 1º de maio de 1876.*

ainda não apagou. E, procurando, encontraremos muitas outras memórias, como a dos negros, ou dos italianos, e também a dos migrantes mais recentes, ou ainda dos índios, que teimam em continuar vivas, ainda que latentes.

A elite que foi se constituindo na cidade assumiu o porto, e suas potencialidades, como alavanca para os seus investimentos. Esta mesma elite que atuava em Itajaí, e que tornava-se mais “brasileira”, ou melhor falando, mais plural, na medida em que eram desenvolvidas as atividades de exportação e importação, foi desenvolvendo novas formas de se auto-identificar. A dinâmica do porto afastava a cidade daqueles hábitos existentes nas colônias do Vale do Rio Itajaí – Açú, marcadamente Blumenau e Brusque, desenvolvendo ao longo do século XX um caráter litorâneo para o município.

E esta é a atual proposta da festa da Marejada, em Itajaí: um passado monolítico, (re)inventando e produzindo um discurso de açorianidade. A cidade portuguesa é levada a esquecer os não-portugueses, a cidade da pesca não vê o agricultor, nem o operário, numa manipulação explícita de conteúdos culturais.